

Leitura e escrita na universidade: os projetos de trabalho como fio condutor

Maristela Juchum
Universidade do Vale do Taquari – Univates
maristela-j@hotmail.com

Resumo

Uma das dificuldades que os alunos encontram quando ingressam no ensino superior envolve escrita e discurso acadêmico. Os estudos do letramento acadêmico concebem leitura e escrita como práticas sociais que variam segundo contexto, cultura e gênero, negando assim o discurso do *déficit*. Neste trabalho, é analisada uma prática pedagógica que toma os projetos de trabalho como fio condutor do planejamento para o ensino da leitura e da escrita na universidade. Objetiva-se, neste trabalho, analisar se os projetos possibilitam tratar os alunos como colaboradores no desenvolvimento dos letramentos acadêmicos. A geração de dados foi realizada com uma turma de alunos matriculados na disciplina de Leitura e Produção de Texto I, de uma universidade localizada no Rio Grande do Sul/Brasil. Neste estudo, serão analisados excertos de Diários de campo que narram as interações entre os participantes de um dos projetos enquanto liam e produziam textos, a fim de construir conhecimento acadêmico sobre o tema definido para o desenvolvimento do projeto. Enquanto dados conclusivos, evidencia-se a importância dos projetos, como possibilidade de os estudantes se engajarem nas práticas de letramento acadêmico valendo-se especialmente do diálogo, do fazer juntos, do negociar as decisões, criando novos modos de fazer e de dizer na universidade.

Palavras-chave: leitura e escrita, letramento, projetos de trabalho.

1. Introdução

Uma das dificuldades que os alunos encontram quando ingressam no ensino superior é a exigência de mudança de estilo de escrita e gênero discursivo. Essa exigência tem gerado conflitos entre alunos e professores e também a “queixa frequente dos professores universitários de que os alunos que entram na universidade estão mal preparados para o ensino a que vão ser expostos” (Henderson; Hirst, 2006: 25).

Os estudos do letramento acadêmico concebem leitura e escrita como práticas sociais que variam segundo contexto, cultura e gênero (Barton; Hamilton, 1998; Street, 1984, 1985), negando assim o discurso do *déficit*.

Neste trabalho, é analisada uma prática pedagógica que toma os projetos de trabalho como fio condutor do planejamento para o ensino da leitura e da escrita na universidade. Trata-se de um recorte da pesquisa-ação que originou a tese de doutorado intitulada *Letramentos acadêmicos: projetos de trabalho na universidade*, defendida no primeiro semestre de 2016, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil.

Objetiva-se, neste estudo, analisar se os Projetos de trabalho possibilitam tratar os alunos como colaboradores no desenvolvimento dos letramentos acadêmicos. A geração de dados foi realizada com uma turma de alunos matriculados na disciplina de Leitura e Produção de Texto I, durante o semestre B/2013. Neste estudo, serão analisados excertos de diários de campo e de entrevistas que narram as interações entre os participantes dos projetos.

2. Os novos estudos do letramento

Os Novos Estudos do Letramento entendem o letramento como prática social, vinculada aos contextos sociais nos quais a língua escrita está inserida. Street (2003), baseado nas contribuições oferecidas pelas pesquisas etnográficas, argumenta contra as abordagens que consideravam que o letramento em si provocaria desenvolvimento e propõe outra perspectiva denominada de modelo ideológico.

Esse modelo afirma que os significados atribuídos à leitura e à escrita são dependentes dos contextos sociais, ou seja, em cada esfera de atividade humana há diferentes usos sociais da linguagem. Essa concepção de letramento difere do que Street denomina de modelo autônomo do letramento, que dá ênfase às habilidades técnicas, supostamente uniformes em todas as esferas sociais. Essa distinção nos permite entender a dificuldade dos alunos em relação à escrita quando ingressam na universidade, negando dessa forma o discurso do *déficit* adotado por muitos professores. É nesse sentido que o conceito de “prática de letramento”, proposta por Street torna-se relevante, pois, segundo o autor, as práticas de letramento têm a ver com os modos culturais de utilizar a escrita, envolvendo o significado que esse modo adquire em um determinado contexto interacional, no caso deste estudo, na esfera acadêmica.

No meu entender, a pedagogia de projetos pode ser uma possibilidade de engajar os estudantes nas práticas de letramento. Os projetos de trabalho (Hernández, 1998) constituem um planejamento de ensino e aprendizagem em que se dá importância não só à aquisição de estratégias cognitivas, mas também ao papel do estudante como responsável por sua própria aprendizagem. Significa oferecer aos estudantes condições de investigar um tema/problema partindo de um enfoque relacional que vincula conhecimentos prévios com conhecimentos científicos, possibilitando o letramento acadêmico.

Na seção seguinte, apresento e analiso alguns excertos de entrevistas e diários de campo, gerados no decorrer da pesquisa-ação, que narram as interações entre os participantes dos projetos.

3. Projetos de trabalho: o fio condutor para a produção textual na universidade

Esta seção é dedicada à análise de excertos de Diário de campo¹ que evidenciam novos modos de dizer e fazer texto na universidade, possibilitando o engajamento dos alunos nas práticas de letramento da esfera acadêmica. Para tanto, argumento que um planejamento que toma os projetos como fio condutor se afasta do modelo da socialização acadêmica e se aproxima do modelo dos letramentos acadêmicos. Segundo Lea e Street (2006: 369), o modelo dos letramentos acadêmicos “está preocupado com construção de sentidos, identidade, poder e autoridade, e coloca em primeiro plano a natureza institucional do que conta como conhecimento em cada contexto acadêmico específico.

Nos excertos de transcrição das entrevistas e nos diários de campo encontrei várias ocorrências que denotam entendimentos bastante representativos sobre o que significa inserir-se nas práticas do letramento acadêmico. O excerto abaixo faz parte do diário de campo de uma aula em que os alunos leram e analisaram os textos escritos por cada grupo de trabalho. A tarefa consistia em fazer comentários e sugerir, se necessário, alterações nas produções textuais para qualificar a versão final do texto a ser produzido por cada grupo.

Excerto 1: “Professora, a senhora pode dar uma olhada para ver se concorda com o que nós assinalamos no texto dos colegas?”

¹Os excertos analisados neste artigo integram os dados da tese de doutorado intitulada Letramentos acadêmicos: projetos de trabalho na universidade, defendida pela autora deste texto no ano de 2016, na UFRGS.

Ygor, Henrique e Luan me chamam para mostrar o que eles já apontaram no texto que estão lendo. Henrique pergunta: professora, a senhora pode dar uma olhada pra ver se concorda com o que nós assinalamos no texto dos colegas? Ele me entrega o texto. Vejo que eles marcaram várias questões linguísticas (pontuação, concordância, ortografia). Pedi que eles também atentassem para as demais questões que estavam previstas no roteiro, entre elas, dizer se o ponto de vista que o grupo estava defendendo em relação ao tema estava claro. Henrique disse o seguinte: “Eu li as questões do roteiro e aí cada um vai dando a sua opinião em relação a como vê isso no texto. Pode ser assim?”, pergunta ele aos colegas do grupo. Luan afirma que sim. Luan se oferece para fazer os registros das observações em relação ao texto dos colegas. Assim, enquanto Henrique vai lendo em voz alta, Luan faz algumas anotações na ficha de análise do texto (entregue por mim). Após alguns minutos, os três participantes discutem sobre as anotações feitas por Luan. Ygor não está muito engajado na tarefa, está atento ao computador. Henrique solicita que ele também opine sobre o texto, ele dirige o olhar aos colegas e faz um comentário sobre um dos itens do roteiro de análise do texto. Luan segue anotando.

Diário de campo, 20 de outubro de 2013

O excerto apresenta alguns aspectos que quero destacar. Um deles é a ação coletiva entre os participantes e a professora sobre as observações feitas em relação ao texto dos colegas de outro grupo de trabalho. Outro aspecto importante nessa construção coletiva é a necessidade de organização do trabalho para que haja a participação de todos. A decisão de Henrique foi de destaque ao propor uma forma de ler e analisar o texto, chamando todos a se engajarem no trabalho.

O resultado final de preenchimento do roteiro de questões² sobre o texto dos colegas não é o mais importante para refletirmos sobre esse evento de letramento de leitura e análise do texto. Mas esse processo de escolher em conjunto, de se propor como parceiro do outro. É nesse conjunto de ações e escolhas que os participantes do projeto se tornam um grupo de trabalho que age conjuntamente.

Abaixo, apresento um excerto da transcrição de um trecho da entrevista na qual Fábio fala sobre algumas dificuldades encontradas pelos participantes no momento da produção do texto escrito. Neste breve excerto, notamos a importância da negociação dos conhecimentos entre os participantes do grupo de trabalho.

Excerto 2: “E claro, vai ter dificuldades...”

Professora: Falem um pouco sobre como foi escrever este texto em grupo, em conjunto.

Fábio: E claro, vai ter dificuldades, teve momentos em que a gente, bah, falou, mas essa frase aqui vai ficar melhor se a gente colocar desta forma, porque digamos eu, eu tenho um ponto de vista sobre, o posicionamento de um, das palavras de uma frase, que, digamos pra mim vai ficar melhor para o entendimento, mas pode ser que para a colega, ahm, ela entenda de forma diferente, então foi essa a maior dificuldade.

Entrevista, 05 de novembro de 2013

Enfatizo nesse excerto, o fato de os projetos de trabalho terem um caráter coletivo que

²O roteiro de questões, cuja finalidade era conduzir a leitura e o registro de observações em relação à primeira versão do artigo de opinião, foi elaborado pela professora da disciplina e entregue aos participantes de cada grupo de trabalho. Após a leitura e análise da produção escrita, os autores receberam a ficha com as observações, que serviu para orientar a reescrita do texto.

impede decisões individualizadas. As dificuldades foram superadas por meio da negociação, da conversa entre os participantes. Assim, noto que o grupo encontrou a melhor forma de produzir o texto valendo-se das contribuições individuais em uma construção coletiva.

O excerto de entrevista abaixo é representativo de minha análise. Nele, Diana expressa o que para ela foi essencial para a produção do texto no grupo de trabalho.

Excerto 3: “Se torna mais fácil de escrever quando já se trabalhou sobre o assunto e você sabe como deve escrever o texto”

Diana: “[...] porque como a gente teve que fazer uma pesquisa, a gente teve que correr atrás do assunto, é mais fácil pra gente escrever, a gente vai ter mais convicção do que a gente vai estar escrevendo, do que simplesmente chegar agora, ah, escreve um texto então sobre este assunto. Ah, tu não vai ter dados, tu não, tu vai dizer o que tu sabe, o que tu lembra. Mas como a gente teve de pesquisar, a gente tinha os dados concretos, então acaba que se torna muito mais fácil de escrever quando já se trabalhou sobre o assunto e você sabe como deve escrever o texto.”

Entrevista, 05 de novembro de 2013

No excerto acima, para Diana, a escrita de um texto torna-se mais fácil quando o aluno tem conhecimento sobre o tema e clareza sobre o gênero discursivo a ser produzido. De modo geral, portanto, explicitar o que o aluno deve produzir parece ser fundamental para que ele possa participar das práticas de escrita acadêmica.

No excerto abaixo, apresento uma cena representativa das que nos projetos de trabalho, coloca-se em evidência o modelo do letramento acadêmico, destacando a relação entre escrita e epistemologia.

Excerto 5: “Vamos reescrever essa parte toda, já decidimos que vamos tirar uma parte e vamos dizer isso de um jeito diferente.”

Fábio e Bruno recebem o seu texto, conversam entre eles, leem as observações feitas pelos colegas. Levantam e se dirigem a minha mesa. Fábio fica abaixado ao meu lado, enquanto Bruno, que é mais baixo, fica de pé. Fábio, após ler as sugestões feitas pelo grupo que leu o texto, quer saber o que eu penso sobre a possibilidade de modificar um dos parágrafos que está, segundo apontamento do grupo avaliador, muito extenso e confuso. “Vamos reescrever essa parte toda, já decidimos que vamos tirar uma parte e vamos dizer isso de um jeito diferente.” O que a senhora pensa? Pego o texto, dou uma rápida lida e respondo que sim, deveriam fazer isso mesmo. Os dois alunos voltaram até suas mesas, trocaram uma ideia com a colega Júlia, que não havia se dirigido a minha mesa para falar sobre o texto. Fábio perguntou para Júlia: como vamos nos organizar: quem pode ir digitando a nova versão do texto? Bruno se ofereceu. Fábio e Júlia escreviam em uma folha, liam em voz alta, discutiam no grupo e, após passavam para o colega Bruno ir digitando.

Diário de campo, 29 de outubro de 2013

O excerto acima mostra, ainda na direção do que estou discutindo aqui, o fato de que alunos e professor podem aprender bastante quando colocam em primeiro plano a produção de sentido e identidade na produção escrita. É por meio do diálogo entre os participantes e com a professora que o processo de escrita acontece. Fábio, ao afirmar “vamos dizer isso de um jeito diferente”, mostra que os participantes do projeto se engajaram na tarefa de reescrita do

texto. Os alunos trouxeram a suas escritas, no projeto, as próprias experiências de produção de sentido e identidade. No entanto, nas discussões sobre como escrever o texto, o diálogo com a professora foi fundamental.

A interação com outros alunos e com o professor, portanto, é fundamental para tornar explícitos os conhecimentos que os estudantes já possuem e o que eles precisam aprender para participarem das práticas de leitura e escrita na universidade. Nesse sentido, entendo que é preciso partir do que os estudantes já conhecem, trazendo essa experiência para o momento da produção textual, em vez de tratar as dificuldades como *déficit*.

4. Considerações finais

Neste artigo, procurei refletir sobre como um planejamento que toma os projetos de trabalho como fio condutor para o ensino da leitura e escrita na universidade pode possibilitar o engajamento dos alunos em práticas de letramento na esfera acadêmica. Para isso, analisei excertos de Diário de campo que narram as interações entre os participantes de um projeto, desenvolvido com alunos da disciplina de Leitura e produção de texto I, enquanto liam e produziam textos, a fim de construir conhecimento acadêmico sobre o tema definido para o desenvolvimento do projeto.

Enquanto dados conclusivos, evidencia-se a importância dos projetos, como possibilidade de os estudantes se engajarem nas práticas de letramento acadêmico valendo-se especialmente do diálogo, do fazer juntos, do negociar as decisões, criando novos modos de fazer e de dizer na universidade.

Referências bibliográficas

- Barton, D. (1984). *Literacy: an introduction to ecology of written language*. Oxford: Blackwell publishing.
- Barton, D. & Hamilton, M. (1998). *Local literacies*. London: Routledge.
- Henderson, R. & Hirst, E. (2006). “Reframing academic literacy: re-examining a short course for “disadvantaged” tertiary students”. *English teaching: practice and critique*, 6:2, 25-38.
- Hernández, F. (1998). *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. São Paulo: Artmed.
- Lea, M. R. & Street, B. (1998). “Student writing in higher education: an academic literacy approach”. *Uk studies in higher education*, 23:2, 157-172.
- Lea, M. R. (2004). “Academic literacies: a pedagogy for course design”. In: *Studies in higher education*, 29:6, 739-756.
- Lea, M. R., & Street, B. (2006). “The “academic literacies” model: theory and applications”. *Theory into practice*, 45:4, 368-377.
- Lillis, T. (2001). *Student writing: access, regulation, desire*. London: Routledge.
- Lillis, T. (2003). “Student writing as academic literacies: drawing on Bakhtin to move from critique to design”. *Language and education*, 17:3, 192-207.
- Street, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge university press.
- Street, B. (1995). *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London and New York: Longman.
- Street, B. (2010). “Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos”. *Perspectiva Florianópolis*. 28:2, 541-567.